

**A IMPORTÂNCIA DE INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS ASSOCIADAS
AO TRATAMENTO ONCOLÓGICO DE CRIANÇAS: Uma revisão literária**

Júlia Duvina Toffoli ¹

Alessandra Marques Cecconello ²

Resumo: Este estudo pretende identificar a importância das intervenções psicológicas associadas ao tratamento oncológico de crianças a partir de uma revisão literária. Utilizou-se como base de dados as Biblioteca Eletrônica Científica (SCIELO), Google Acadêmico, Site do Instituto Nacional do Câncer (INCA) e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS). Foram encontrados uma diversidade de artigos referentes ao tema, sendo selecionados 15 para a leitura, destes, apenas 11 foram incluídos na revisão, segundo os critérios de inclusão e exclusão. No campo das doenças, o câncer se apresenta como o grande vilão, sendo este um conjunto com mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desordenado de células invasoras de tecidos e órgãos. Trata-se de uma doença que vai além do desastre físico-biológico, o efeito que o diagnóstico provoca no campo emocional dos pacientes e sua rede de relações é igualmente engrandecido, amplificado quando atinge crianças. O papel do psicólogo associado ao tratamento oncológico faz com que haja uma maior visibilização de uma área específica da psicologia, denominada psico-oncologia. Diante da complexidade do câncer e dos problemas biopsicossociais por ele acarretados, tanto para os pacientes pediátricos quanto para suas famílias, é relevante considerar todos os aspectos envolvidos na doença, enfatizando a importância da equipe multidisciplinar, e especialmente, o papel do psicólogo e suas intervenções como um fator importante durante o processo, seja ele de diagnóstico, de acompanhamento durante o tratamento ou após alta, como também em situações de cuidados paliativos e apoio à família, em casos de morte do paciente pediátrico. Os artigos utilizados apresentaram a importância e descreveram algumas intervenções realizadas na área de psico-oncologia pediátrica, no entanto percebeu-se a carência de informações sobre a real efetividade das intervenções realizadas, bem como seus benefícios e aspectos positivos da abordagem.

Palavras-Chaves: psico-oncologia; câncer infantil; intervenção psicoterápica.

¹ Graduanda em Psicologia do Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC);

² Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Psicóloga do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do município de Osório. Docente do Curso de Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC).

Abstract: The subject intends to acknowledge the importance about psychological interventions associated with children's oncologic treatment from a literary review. It was used as database the Scientific Electronic Library (SCIELO), Academic Google, National Cancer Institute (INCA) website and the Virtual Health Library (BVS). It has been find a diversitive of articles about the theme, were selected 15 for reading, of these, only 11 were included in the review, according to the inclusion and exclusion standards. In the field of disease, the cancer introduces itself as the great villain, with more than 100 diseases that it has in common the disorderly growth of invading cells of tissues and organs. It is a disease that goes beyond the physical-biologic disaster, the effect that the diagnosis cause on the emotional field of patients and their relationships are harmful, amplified when it affects children. The psychologist's role associated with oncological treatment means that there is a greater visibility of psychology's specific area, called psycho-oncology. In the face of the cancer's complexity and biopsychosocial problems caused by them (for the pediatric patients and their families), it is important to consider all aspects involved in the disease, emphasizing the importance of the multidisciplinary team, and especially, the psychologist's role and its interventions as an important factor during the process, even if by diagnostic, follow up during the treatment or after discharge, as also in situations of palliative care and support family, in cases of pediatric patient death. The articles used show the importance and describe some interventions performed in the area of pediatric psycho-oncology, however it has been noticed a lack of informations about the real effectiveness of interventions performed, besides its benefits and positive aspects of the approach.

Keywords: psycho-oncology; childhood cancer; psychotherapeutic intervention.

INTRODUÇÃO

Prolongar a vida, mesmo que diante de situações adversas, tem sido uma das premissas que desafia as pesquisas e o conhecimento humano há séculos. No campo das

doenças, o câncer se apresenta como o grande vilão. Mas a simplicidade destas cinco letras combinadas, muitas vezes, camufla a complexidade de um problema. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2008), esconde-se nesta denominação um conjunto com mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desordenado de células invasoras de tecidos e órgãos. E ainda, para além deste desastre físico biológico, o efeito que o diagnóstico provoca no campo emocional dos pacientes e sua rede de relações é igualmente engrandecido. Amplificado quando atinge crianças.

Embora raro quando comparado com adultos, entre 2% e 3% de todos os tumores malignos registrados no Brasil, o câncer infantil é considerado um fator de alta incidência de mortes nesta faixa etária, segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2016). A primeira percepção que os pacientes e seus familiares tendem a ter em relação à doença está diretamente ligada à possibilidade de morte. Drama que tende a ser amenizado pela ampla divulgação de que o diagnóstico precoce traz consigo uma probabilidade maior de tratamento e cura, especialmente pela possibilidade de um acompanhamento multiprofissional que inclui, além das equipes médicas especializadas, a presença de profissionais da área psico-oncológica (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

A busca por este suporte tem se tornado cada vez mais recorrente desde o processo de prevenção até os cuidados paliativos. Segundo Gurgel e Lage (2013), o psicólogo possui papel extremamente importante durante o tratamento oncológico, pois pode oferecer suporte emocional desde a confirmação do diagnóstico, não apenas ao paciente, como também para a rede de relações que se estabelecem em torno deste. O acompanhamento não se reduz apenas a um ato de intervenção junto à criança, mas também pode proporcionar um processo de conhecimento sobre o que foi diagnosticado, o tipo específico de câncer e a realidade da vida da criança, podendo, assim, auxiliar na busca por respostas diante de dúvidas que possam surgir, no alívio das ansiedades e outros sentimentos que angustiam o paciente (SANTOS & CUSTÓDIO, 2017).

Neste contexto, torna-se pertinente uma revisão literária como campo de investigação sobre a importância das intervenções psicológicas em ambiente hospitalar com crianças em tratamento oncológico. Ao mesmo tempo em que pode somar na

afirmação do contributo que a psicologia pode oferecer, abre a possibilidade de apontar novos desafios e caminhos a serem abordados. Assim, o objetivo deste artigo é realizar uma revisão de literatura e identificar a importância da intervenção psicológica associada ao tratamento oncológico de crianças.

METODOLOGIA

Este artigo foi desenvolvido através de uma revisão literária, que é caracterizada por ser uma pesquisa científica em que se objetiva analisar dados de um determinado tema (KOLLER, COUTO E HOHENDORFF, 2014). Para a realização da revisão, foram utilizadas bases de dados encontrados em: Biblioteca Eletrônica Científica (SCIELO), Google Acadêmico, Site do Instituto Nacional do Câncer (<https://www.inca.gov.br/>) e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS).

Foram utilizadas as seguintes palavras-chaves para a pesquisa dos artigos: psico-oncologia; oncologia pediátrica; tratamento oncológico; psicologia hospitalar. A partir dos resultados encontrados nas bases bibliográficas citadas anteriormente, foi realizada uma seleção dos artigos e das informações que foram utilizadas na elaboração deste artigo.

Para a seleção do material, foram levados em consideração alguns critérios: 1) os artigos deveriam ser publicados em revista científica; 2) disponíveis em português; 3) com prioridade para os textos publicados nos últimos 10 anos.

Tabela 1. Materiais encontrados nas bases de dados.

Base de dados	BVS	Google Acadêmico	INCA	Scielo	TOTAL
Encontrados	2	2	3	8	15
Utilizados	1	1	3	6	11
Descartados	1	1	0	2	4

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo estimativas do INCA (2019) o câncer infantil é considerado raro quando comparado ao câncer em adultos. No entanto, a identificação de 12.500 novos casos de câncer infantil em 2018 tornou este um importante tema na área de pesquisas. Atualmente encontram-se resultados extremamente significativos em relação ao tratamento oncológico, quando comparado a alguns anos atrás. Cerca de 80% das crianças e adolescentes diagnosticados com a doença possuem chances de cura, se diagnosticados precocemente e acompanhados por equipes multidisciplinares em locais especializados.

O câncer pode causar um grande comprometimento no paciente, desde físico e emocional. No intuito de amenizar o processo de tratamento oncológico, surge o auxílio do psicólogo, que deve atuar possibilitando condições e acompanhamentos especializados em todas as fases, desde a prevenção até os cuidados paliativos, quando necessários. Assim, esta revisão literária foi organizada de forma a proporcionar, inicialmente, uma compreensão dos aspectos emocionais relacionados à doença, bem como o papel da psico

oncologia no diagnóstico, tratamento e acompanhamento dos pacientes e seus familiares. Além disso, busca descrever a importância do psicólogo durante o tratamento oncológico de crianças, ressaltando a necessidade de investigar a efetividade da associação entre a psicologia e o tratamento oncológico de crianças.

Câncer infantil e os aspectos emocionais relevantes

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2008) entende-se câncer como um conjunto com mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desordenado de células invasoras de tecidos e órgãos.

Se compararmos a incidência de câncer em adultos com a incidência em crianças e adolescentes, percebe-se o quanto é raro, correspondendo cerca de 2% a 3% de todos os tumores malignos registrados no Brasil. Neste sentido, considera-se importante o grande número de estudos específicos realizados para diferenciá-los uns dos outros. No Brasil, para o ano 2018, o INCA, estimou 12.500 novos casos de câncer infantil, e 2.704

mortes. Assim como nos países desenvolvidos, no Brasil, o câncer já representa a primeira causa de morte (8% do total) por doença entre crianças e adolescentes de 1 a 19 anos (INCA, 2019).

Diferenciando-se do câncer do adulto, o câncer infantil, tanto quanto o câncer juvenil, costuma afetar as células do sistema sanguíneo e os tecidos de sustentação. Predominantemente os diagnósticos de câncer em crianças são de natureza embrionária, sendo constituídos de células indiferenciadas, podendo proporcionar uma melhor resposta aos atuais tratamentos. São considerados diagnósticos mais comuns em crianças os tumores como leucemia, linfomas, neuroblastoma, tumor de Wilms, retinoblastoma, tumor germinativo, osteossarcoma e sarcomas (INCA, 2019).

Os sintomas apresentados no câncer infantil podem ser confundidos com algumas outras doenças comuns na infância, o que pode atrasar a busca do auxílio pediátrico e conseqüentemente o diagnóstico precoce da doença. Neste sentido, torna-se essencial a atenção dos pais a qualquer um dos sintomas, e no caso do surgimento de algum deles, buscar um profissional especializado para a realização do diagnóstico (CARDOSO, 2007).

Como já descrito anteriormente, o diagnóstico precoce é de extrema importância em relação ao câncer infantil. Cardoso (2007) descreve que, ao diagnosticar a criança precocemente, pode-se impedir o agravamento da doença, possibilitando um bom prognóstico.

Diferente do câncer em adultos, em crianças não há exames preventivos realizados rotineiramente que detectem a manifestação do câncer, por isso a ênfase de avaliações periódicas com pediatras durante toda a infância. Para a detecção dos cânceres infantis são utilizados alguns procedimentos como a biópsia, punção, ultrassonografia, tomografia computadorizada, ressonância magnética, hemograma, mielograma, entre outros (CARDOSO, 2007).

Geralmente, o tratamento para o câncer infantil adota três procedimentos, que podem também ser combinados: a quimioterapia - que utiliza substâncias químicas para o tratamento de doenças causadas por agentes biológicos; a radioterapia - que utiliza a radiação ionizante; e a cirurgia. O tratamento é aplicado de forma individual, de acordo com as necessidades e prescrições médicas para cada indivíduo e

diagnóstico (SANTOS & CUSTÓDIO, 2017).

Como prognóstico da doença, há uma série de aspectos que influenciam. Cardoso (2007) descreve que, para a determinação de um prognóstico bom ou ruim, será analisada a combinação de diversos fatores, entre eles: o tipo de tumor, a classificação entre benigno e maligno, o estágio em que ele se encontra, sendo que o que determina estes aspectos é o diagnóstico precoce.

Considera-se extremamente significativo o progresso no tratamento do câncer infantil. Em suas estimativas, o INCA (2019) descreve que cerca de 80% das crianças e adolescentes identificadas com a doença podem ser curadas, se diagnosticadas precocemente e acompanhadas por equipes multiprofissionais em centros especializados. Há um prognóstico positivo em relação à qualidade de vida de crianças diagnosticadas e submetidas a um tratamento adequado.

A infância é o período que compreende desde o nascimento até os 12 anos de idade, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Esta etapa do desenvolvimento humano é muito importante na vida de um indivíduo. É na infância em que se constrói as relações com o próprio corpo, bem como as primeiras relações sociais, sendo uma base para seu desenvolvimento futuro.

Nesta fase do desenvolvimento, assim como em tantas outras, a doença se torna um evento inesperado e indesejável, especialmente para a criança e seus familiares. Cardoso (2007) salienta que a reação em relação ao diagnóstico dependerá essencialmente da reação dos pais/cuidadores. Num primeiro momento, são eles que mais necessitam de ajuda, porque, até este momento, a criança desconhece a doença, ou seja, a forma como os mesmos reagem ao diagnóstico afetará diretamente a criança e o seu desenvolvimento.

Há de se destacar, no entanto, o processo de acompanhamento da doença. Santos e Custódio (2017) descrevem que, além dos comprometimentos físicos que o tratamento para o câncer e o próprio diagnóstico podem causar, há uma piora na função psicológica, podendo ser atribuída a toxicidade do tratamento ou relacionada às mudanças de rotina e a nova realidade vivenciada pela criança. Os autores ainda citam que, em casos de intervenções pediátricas, além da exposição da criança a procedimentos quimioterápicos, radioterápicos e cirúrgicos, a própria internação do

paciente, coloca-o em situações estressantes, junto com seus familiares.

Algumas mudanças psicossociais podem ser comumente identificadas em crianças com câncer. Cardoso (2007) descreve os eventos: hospitalização, procedimentos médicos, efeitos colaterais, e acompanhamento em longo prazo.

É possível observar, a partir dos eventos, suas respectivas mudanças. A hospitalização pode vir a provocar o distanciamento da criança do âmbito familiar e escolar, podendo repercutir de forma negativa no rendimento da criança e na socialização. Em relação aos procedimentos médicos, por se tratarem, muitas vezes, de procedimentos invasivos e dolorosos, podem vir a causar estresse, sentimento de impotência, fobia e ansiedade. Os efeitos colaterais são considerados quase impossíveis de descartá-los, sendo eles os mais comuns: náuseas, vômitos, dores, perda de peso, queda de cabelo, amputação, entre tantos outros, dependendo do método e tratamento utilizado. Além dos efeitos físicos, existem os de comprometimento neuropsicológico, podendo acarretar em distúrbios da cognição em geral. Por fim, o acompanhamento em longo prazo, apesar da remissão da doença, é necessário por não haver a consideração da cura, por conta da incerteza da sobrevivência devido ao medo da recaída ou até mesmo o aparecimento de novos tumores, levando a necessidade de acompanhamento médico prolongado, que pode causar estresse tanto na criança quanto nos pais, mesmo com a ausência da doença (CARDOSO, 2007).

Esse processo de tratamento oncológico e o pós-tratamento podem ser amenizados se houver condições que mantenham a possibilidade de um desenvolvimento saudável da criança, para isso, torna-se importante a presença e o afeto de familiares, a disponibilidade afetiva dos profissionais da saúde envolvidos, o fornecimento de informações de forma adequada em relação ao diagnóstico para a criança, atividades recreacionais, acompanhamento multiprofissional conforme indicado, entre outras condições (SANTOS & CUSTÓDIO, 2017).

Psico-oncologia: Histórico

Dentre os profissionais que podem estar incluídos no acompanhamento multiprofissional, atualmente vem ganhando destaque o papel do psicólogo na equipe. Sua presença se faz necessária em todas as fases envolvidas nesta doença, como na

prevenção, no diagnóstico, no tratamento, na alta, e se necessário, nos cuidados paliativos (GURGEL & LAGE, 2013). O papel do psicólogo dentro destas equipes multiprofissionais faz com que haja maior visibilização de uma área específica da psicologia, denominada **psico-oncologia**.

O entendimento do ser humano como um ser biopsicossocial não é algo novo, ainda mais dentro da realidade desta doença. É necessário visualizar a mente e o corpo como partes de um único organismo, sendo a saúde um equilíbrio entre estas partes do indivíduo, ou seja, o indivíduo é o que é, por seus aspectos genéticos, psicológicos e ambientais.

No entanto, no meio hospitalar, só foi possível a identificação da importância da área psicológica associada aos tratamentos oncológicos em 1981, ano em que Robert Adler publicou seu livro sobre *Psiconeuroimunologia*, possibilitando pesquisas científicas sobre a interligação do sistema endócrino, imunológico e nervoso. Outro importante autor, que contribuiu para a existência da psico-oncologia, foi Galeno. Com o auxílio destas pesquisas e publicações foi possível o aprimoramento e contribuição cada vez maior para o conhecimento mais profundo do ser humano e as diferentes formas de tratamento, tornou-se possível um delineamento de novas linhas de trabalho com pacientes oncológicos, possibilitando o trabalho de médicos e psicólogos em conjunto (CARVALHO, 2002).

Segundo Carvalho (2002), com a fundação da Sociedade Brasileira de Psico-oncologia em 1994, deu-se também a definição oficial sobre a psico oncologia de Gimenes. Sendo esta uma denominação descrita para a área de relação entre a Psicologia e a Oncologia, baseando-se em conhecimentos educacionais, profissionais e metodológicos provenientes da Psicologia da Saúde. É utilizada como meio de assistência ao paciente, familiares e profissionais da área da Saúde envolvidos nas etapas de prevenção, tratamento, reabilitação e na fase terminal da doença. Além disso, pode ser aplicada em pesquisas relevantes para o estudo de variáveis psicológicas e sociais importantes para a compreensão da incidência e recuperação, assim como do tempo de sobrevivência após o diagnóstico do câncer. Por fim, pode ser também utilizada na organização de serviços oncológicos visando o atendimento integral do paciente.

Neste sentido, pode-se descrever a psico-oncologia como um campo interdisciplinar da saúde que estuda os fatores psicológicos do desenvolvimento durante todo o processo de diagnóstico, tratamento e reabilitação do paciente com câncer. Considera-se como os principais objetivos desta área da psicologia a identificação das variáveis psicossociais e os contextos ambientais em que possa haver a intervenção psicológica, auxiliando no processo de enfrentamento da doença, incluindo o auxílio e acompanhamento em situações causadoras de estresse para o próprio paciente e seus familiares (JUNIOR, 2001).

A intervenção psico-oncológica realizada, independente de abordagem teórico-filosófica optada pelo profissional, deve ultrapassar os limites da prática psicoterápica e, especialmente, do consultório, buscando o paciente onde quer que ele esteja (sala de espera do hospital, enfermaria, quarto de internação, durante procedimentos invasivos, em casa). Além disso, deve contar com a inclusão de outros profissionais de áreas distintas, porém, essenciais neste processo (JUNIOR, 2001).

Intervenções psicológicas com pacientes da oncologia pediátrica O modelo de intervenção psicológica em psico-oncologia é considerado um modelo educacional. Segundo Junior (2001), o que diferencia a intervenção de um psicólogo a um psico-oncólogo é a não utilização do modelo médico ou clínico, que dá ênfase às estruturas patológicas e aos atendimentos terapêuticos individuais. A intervenção do profissional prioriza a promoção da saúde e de mudanças de comportamento relacionadas à saúde do próprio paciente. Apesar de não apresentar um modelo teórico definido, a psico-oncologia apresenta um modelo de intervenção que tem como objetivo o atendimento integral do paciente, de seus familiares e da equipe multidisciplinar envolvida no caso (FONSECA & CASTRO, 2016).

Ao mesmo tempo em que consideramos algumas diferenças entre o atendimento psicológico comum e o acompanhamento psico-oncológico, identificamos também que há algo em comum e que se torna essencial na intervenção: o objetivo das intervenções é sempre o bem estar do paciente (FONSECA & CASTRO, 2016).

Segundo Fonseca e Castro (2016), o que difere o profissional da psico oncologia é o domínio de aspectos não exigidos necessariamente em outros atendimentos psicoterápicos, como a necessidade do conhecimento da própria doença, assim como as

principais formas de tratamento e a que procedimentos o paciente poderá ser submetido. Isto se torna necessário pelo fato de que cada tipo de câncer possui suas características distintas, facilitando, assim, a identificação de qual intervenção terapêutica o paciente deve receber.

Especialmente em situações em que a criança é o paciente que possui a doença, a intervenção profissional se faz necessária desde a prevenção até os cuidados paliativos, quando necessário (GURGEL & LAGE, 2013).

Para Gurgel e Lage (2013), o psicólogo em ambiente hospitalar e como profissional especializado em intervenções com pacientes com câncer deve atuar na prevenção, através da promoção de informações e educação em saúde, podendo auxiliar na divulgação e conhecimentos sobre o câncer infantil e suas características, facilitando e demonstrando a importância de um diagnóstico precoce.

Já em relação à atuação do profissional no momento do diagnóstico, o psicólogo tem o papel de oferecer apoio e suporte emocional para que os mesmos possam enfrentar a situação da melhor forma possível, além de atuar diretamente com o paciente diagnosticado, obtendo conhecimento da vida do mesmo, e também proporcionando apoio e atenção emocional necessária (GURGEL & LAGE, 2013).

Durante o tratamento, o psicólogo deve atuar no esclarecimento de dúvidas dos pacientes e familiares em relação à enfermidade, podendo também atuar como mediador entre paciente e médicos. Além disso, pode realizar atendimentos no leito, quando for preciso, identificando, através da escuta qualificada, às demandas para atendimento psicológico (GURGEL & LAGE, 2013).

Segundo Gurgel e Lage (2013), após o tratamento ou a internação hospitalar, considera-se a etapa de alta do paciente. Neste contexto, o psicólogo pode atuar prosseguindo com atendimentos e acompanhamentos. Caso não haja mais possibilidade de cura, denomina-se esta etapa como a de cuidados paliativos. Neste sentido, o paciente deve receber uma atenção e modificação na forma de cuidado, dando ênfase a qualidade de vida do mesmo. Mais especificamente, o psicólogo pode atuar nos seguintes momentos nos cuidados paliativos: na decisão de quando parar o tratamento, nas decisões e nas dificuldades da equipe, na conversa com a criança em relação à morte, no apoio à família diante do quadro em que a criança vem a óbito.

Um estudo realizado em um Hospital de Câncer em Barretos descreve como se caracteriza a área pediátrica e as intervenções realizadas neste ambiente. O ambiente oncológico pediátrico é especializado em cuidados para crianças diagnosticadas com câncer e suas famílias (SCANNAVINO et al, 2013).

Segundo os Scannavino et al (2013), no ambiente pediátrico, a psicologia tem ganhado um grande destaque, especialmente por dar ênfase aos cuidados integrais e de qualidade de vida durante o tratamento oncológico. Na pesquisa realizada por estes autores, o acompanhamento psicoterapêutico de crianças com câncer teve como objetivo compreender as necessidades das mesmas, assim como a de seus familiares e da equipe envolvida. Eles utilizaram como uma das formas de intervenção metodologias de acompanhamento de grupos específicos para auxiliar nas dificuldades apresentadas (SCANNAVINO et al, 2013).

No Hospital de Câncer em Barretos são disponibilizados distintos grupos para cada necessidade encontrada durante o tratamento. Um dos grupos é direcionado ao apoio à família da criança com câncer, em que o objetivo é acolher e orientar os pais/responsáveis dos pacientes. Outro grupo oferecido no ambiente hospitalar é o grupo de apoio à equipe pediátrica, um ambiente em que os profissionais que integram esta equipe multiprofissional podem utilizar como espaço de acolhimento em relação a suas frustrações e conquistas profissionais. Além disso, há um grupo específico para o acolhimento de pais/famílias que perderam seus filhos, com o objetivo de oferecer cuidados integrais às famílias enlutadas (SCANNAVINO et al, 2013).

Assim como o acompanhamento em forma de grupos, durante a internação da criança são realizadas intervenções constantes em forma de acompanhamento terapêutico, tendo como objetivo fornecer para a criança e seus familiares habilidades de enfrentamento, redução das crenças disfuncionais em relação à doença e ao tratamento. Além disso, o Hospital de Câncer em Barretos disponibiliza duas brinquedotecas, ambientes lúdicos e adequados para todas as crianças, proporcionando condições terapêuticas favoráveis para as intervenções realizadas (SCANNAVINO et al, 2013).

A criança e seus familiares precisam do apoio psicológico durante todas as etapas da doença, podendo sempre ser atendidas e receber o suporte emocional e a

atenção necessárias. Mais do que apoio, eles têm o direito de receber informações e serem ouvidos (GURGEL & LAGE, 2013).

O atendimento psico-oncológico de crianças e os desafios para uma avaliação de efetividade

Olhamos para o câncer como uma das doenças que mais ameaçam a ordem da vida no cotidiano das pessoas. Não apenas no seu componente físico biológico, como também na sua dimensão psíquica e social. A descoberta da doença imprime na pessoa atingida e naqueles que o cercam um sentimento de angústia e medo que precisam também ser acompanhados. Assim, o campo da psicologia estende seu olhar e sua preocupação, e mais do que isso, suas ações para estes desafios a partir da psico-oncologia.

Diante da complexidade do câncer e dos problemas biopsicossociais por ele acarretados, tanto para os pacientes pediátricos quanto para suas famílias, é relevante considerar todos os aspectos envolvidos na doença, enfatizando a importância da equipe multidisciplinar, e especialmente, o papel do psicólogo e suas intervenções como um fator importante durante o processo, seja ele de diagnóstico, de acompanhamento durante o tratamento ou após alta, como também em situações de cuidados paliativos e apoio a família, em casos de morte do paciente pediátrico. Neste sentido, destaca-se a importância da intervenção psico-oncologia no tratamento de crianças com câncer e suas intervenções realizadas pelo profissional nestas situações.

É constante a busca pela ampliação de pesquisas voltadas para a compreensão das experiências oncológicas infantis, com o objetivo de apoiar a construção de uma melhor qualidade de vida dos pacientes e seus familiares nesse processo de saúde-doença (ARAÚJO, 2006).

Não faltam artigos e relatos de experiências na área da psico-oncologia. No entanto, não se encontra, em revisão bibliográfica no Brasil, elementos suficientes que possam fornecer uma conclusão no sentido da eficiência ou não desta atenção ou atendimento.

No campo da literatura em psico-oncologia, carecemos de dados que evidenciem esta efetividade. Torna-se compreensível ao se tratar de um campo em que a

investigação requer um instrumental diferenciado. O acompanhamento psicológico não é mensurável a partir de dados apenas físico biológicos. Como atestar que uma prevenção ou até mesmo a cura de um processo de câncer esteja diretamente ligado ao processo de acompanhamento psíquico oncológico?

Ao tomar a referência da fundação da Sociedade Brasileira de Oncologia (2002), pode-se afirmar que é um campo ainda recente da psicologia. Mas já suficiente para avançar em termos de pesquisas que atestem a efetividade de modo mensurável.

Nas análises e depoimentos já está posto com clareza a evidência da importância como fator de auxílio no processo de superação. Mas o avanço e a qualificação deste atendimento poderão ganhar força a partir do momento em que se puder falar de dados mensuráveis. Será necessário primeiramente estabelecer, no campo da pesquisa, instrumentos de aproximação para coleta de dados confiáveis. E, posteriormente, num diálogo constante com as ciências médicas, estabelecer critérios de mensurabilidade para, então, atestar a efetividade desta participação no processo de cura ou amenização do trauma físico e psíquico provocado pela descoberta e instauração de um câncer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a grande complexidade do processo saúde-doença enfrentada no diagnóstico de câncer buscou-se uma área da psicologia que pudesse relacioná-la com a oncologia, denominada psico-oncologia. Ao tratar-se da psico-oncologia pediátrica, é possível perceber, através da revisão literária realizada, a importância da atuação do psicólogo, tanto para os pacientes pediátricos, quanto para seus familiares e a equipe envolvida no processo enfrentado.

Estudos apontam que o psico-oncólogo deve atuar em distintos momentos do tratamento, sendo possíveis intervenções desde a prevenção até os cuidados paliativos, quando necessário, especialmente em casos infantis.

A metodologia utilizada durante este acompanhamento e intervenções baseiam-se em ações de promoção da saúde e melhora da qualidade de vida dos pacientes pediátricos e suas famílias, além, é claro, da atenção e suporte emocional aos envolvidos.

Em suma, os artigos utilizados apresentaram a importância e descreveram algumas intervenções realizadas na área de psico-oncologia pediátrica, dando ênfase nos processos de diagnóstico, tratamento e acompanhamento dos próprios pacientes, bem como de seus familiares, especialmente relacionados ao amparo e suporte emocional. No entanto, percebe-se ainda a carência de informações sobre a real efetividade das intervenções realizadas, bem como de seus benefícios e aspectos positivos da abordagem.

REFERÊNCIAS

- [1] ARAUJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira. **Câncer Infantil: intervenção, formação e pesquisa em psico-oncologia pediátrica**. Psicol. hosp. vol.4, n.1. São Paulo, 2006.
- [2] BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.
- [3] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Protocolo de diagnóstico precoce para oncologia pediátrica** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática. – Brasília : Ministério da Saúde, 2017.
- [4] CARDOSO, Flávia Tanes. **Câncer infantil: aspectos emocionais e atuação do psicólogo**. Rev. SBPH v.10 n.1 Rio de Janeiro, jun. 2007.
- [5] CARVALHO, Maria Margarida. **Psico-oncologia: história, características e desafios**. Psicologia USP Vol. 13, N°.1, 151-166. São Paulo, 2002.
- [6] FONSECA, Renata; CASTRO, Marcelo Matta. **A importância da atuação do psicólogo juntos a pacientes com câncer: uma abordagem psico oncológica**.

Psicologia em Saúde e Debate (ed. Especial) pg. 54-72. São Paulo – 2016.

[7] GURGEL, Luciana Araújo; LAGE, Ana Maria Vieira. **Atuação psicológica na assistência à criança com câncer: da prevenção aos cuidados paliativos.** Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 4 – n. 1, pág. 83-96, jan./jun. 2013.

[8] HOHENDORFF, Jean Von. Como escrever um artigo de revisão de literatura. Em: KOLLER, Sílvia H; COUTO, Maria Clara P. de Paula; HOHENDORFF, Jean Van (orgs). **Manual de Produção Científica.** Dados eletrônicos – Porto Alegre: Penso, 2014. Instituto Nacional de Câncer (Brasil). **Incidência, mortalidade e morbidade hospitalar por câncer em crianças, adolescentes e adultos jovens no Brasil: informações dos registros de câncer e do sistema de mortalidade.** / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. – Rio de Janeiro: INCA, 2016.

[9] Instituto Nacional de Câncer (Brasil). Coordenação de Prevenção e Vigilância de Câncer. **Câncer da criança e adolescente no Brasil: dados dos registros de base populacional e de mortalidade.** Instituto Nacional de Câncer. – Rio de Janeiro: INCA, 2008.

[10] Instituto Nacional de Câncer (Brasil). **Câncer infantojuvenil.** Instituto Nacional de Câncer. – Rio de Janeiro INCA, 2019.

[11] JUNIOR, Áderson L. Costa. **O desenvolvimento da psico-oncologia: implicações para a pesquisa e intervenção profissional em saúde.** Psicol. cienc. prof. vol.21 no.2 – Brasília, 2001.

[12] SANTOS, Renato Caio Silva; CUSTÓDIO, Lucas Matheus Grizotto. **Psico-oncologia pediátrica e desenvolvimento: considerações teóricas sobre o adoecimento e os lutos decorrentes do câncer infantil.** Psicologia.pt. – 2017.

[13] SCANNAVINO, Camila Saliba; et al. **Psico-oncologia: atuação do psicólogo no Hospital de Câncer de Barretos.** Psicologia USP 24(1), pg. 35-53. São Paulo – 2013.